



UM REMÉDIO CONTRA
A CALVÍCIE

Antônio Sales andava pelo Rio desde 1897 quando no sábado de 15 de junho de 1901 apareceu por lá um novo matutino, o Correio da Manhã. Nele passou a colaborar com suas crônicas, artigos literários e numa seção humorística e satírica Pingos e Respingos, esta com início a 8 de agosto, disfarçado em Cyrano e Cia.

A sua estréia nesse jornal, a pedido de Edmundo Bittencourt, se deu com um artigo criticando o aumento das passagens da Companhia de Bondes de São Cristóvão, escondido sob o pseudônimo de Gamin. A colaboração, um sucesso e Antônio Sales considerado pronto para o serviço.

Todos sabemos as famosas campanhas por ele movidas contra o conceituado médico Nuno de Andrade (Tudo passa. . . e o Nuno fica) e contra o sagaz político Seabra (Só tu Seabra, não sais).

Vejam algumas dessas quadras:

*Do Ceará sai o Acióli,
nas lutas eleitorais,
batido com toda a prole. . .
Só tu, Seabra, não sais!*

*O Acióli e o Constantino
vão-se pras terras natais;
chora o povo o seu destino. . .
Só tu, Seabra, não sais!*

*Muito se sofre e se geme
quando se tem um antrás;
sai o pus quando se espreme. . .
Só tu, Seabra, não sais!*

*Contra a vacina forçada
saem protestos formais
da multidão revoltada. . .
Só tu, Seabra, não sais!*

*Não há bem que seja eterno
nem mal que não finde mais;
mas, ó sarna do governo,
só tu, Seabra, não sais!*

*Da garganta da Darclée
saem notas divinais;
ouvindo-a, penso, por que
só tu, Seabra, não sais?*

*Entrar, sair, eis a vida!
O destino dos mortais
é isto — entrada e saída. . .
Só tu, Seabra, não sais!*

*Uma senhora sofria
do parto as dores mortais,
e, alucinada, gemia:
Só tu, Seabra, não sais!*

Da primeira campanha saiu-se airoso mas da segunda. . . ganhou uma transferência inopinada para a cidade gaúcha de Rio Grande. Pois lutar contra o ministro baiano do Interior e Justiça do Governo Rodrigues Alves, ele um modesto funcionário do Tesouro, representava um verdadeiro suicídio.

Irritado com essas quadrinhas irreverentes, diariamente publicadas no Correio da Manhã, Seabra passou a denunciar Antônio Sales nos A Pedidos do Jornal do Comércio, como um empregado relapso, insubmisso, pago pelos cofres do Governo e. . . ingrato e contraditório, falando mal do próprio patrão. Reclamou de Leopoldo Bulhões, também partícipe do Governo do Papai Dorminhoco e considerado o maior dos nossos financistas contemporâneos, uma punição para o funcionário audacioso.

O Ministro da Fazenda fez-se de desentendido e talvez cioso do seu Tesouro, não haveria de querer perder o seu poeta, o maior dos seus tesouros. . .

Sentindo-se desmoralizado, a raposa baiana apela para o secretário e filho de Rodrigues Alves, exigindo a transferência do poeta. Bulhões ainda tenta a política da reconciliação e encarrega um amigo comum, Domício da Gama, a entender-se com Antônio Sales no sentido de que tais quadrinhas maliciosas não mais fossem dadas à publicidade.

Claro que a resposta seria uma negativa. O nosso poeta cearense, forçado a se licenciar do Tesouro, mandou-se para uma estação de águas na cidade

mineira de Lambari, em janeiro de 1904, ocasião em que tomou conhecimento, através de jornais, de seu desterro para terras pampeanas.

Terminada a licença imposta, seguiu a 25 de setembro para a cidade do Rio Grande, lá chegando a 2 de outubro. Durou sete meses e quatro dias o seu exílio, castigo por ter desobedecido às ordens do grande senhor Seabra.

E, muito doente, chegava ao Rio a 29 de abril de 1905. Assumiu as suas mesmas funções e sem nada cobrar de Bulhões este o promoveria, em agosto de 1910, a primeiro escriturário do Tesouro Nacional.

E Seabra? Saiu com Rodrigues Alves em 1906 e retornaria, quatro anos depois, Ministro da Viação no Quatriênio Hermes da Fonseca.

Ambicionando o governo da Bahia, dele se apossou em 29 de março de 1912, após mandar bombardear e incendiar o Palácio. Não satisfeito, quando da campanha à sucessão presidencial de 1922, tentou posições mais altas, ao lado de Nilo Peçanha, mas as eleições de março de 1922 colocaram as coisas no seu justo lugar, apontando as urnas o mineiro Artur Bernardes sucessor do Tio Pita.

Chegou 29 de março de 1924 e, contrariando os desígnios do político baiano, Góis Calmon ganhava o governo da Bahia: era o aniquilamento político final de Seabra.

Claro que Antônio Sales se regozijou com tal situação e embora declarasse não guardar rancor do Átila de Opereta, chegou mesmo, passados vinte anos, a compreender a atitude dominadora de seu inimigo: *"Era natural, era humano que, tendo o poder nas mãos, ele procurasse castigar o funcionário que expunha a sua ministerial pessoa diariamente ao ridículo das colunas de um jornal de grande circulação. Qualquer outro potentado, teria procedido assim"*.

Quantas lembranças boas, quantas decepções nesses dois decênios entre 1904 e 1924. Antônio Sales recordaria sempre aquelas passagens, algumas pitorescas, outras desagradáveis.

Estava com cinqüenta e seis anos de idade quando surgiu aqui por Fortaleza, pelas páginas do Correio do Ceará, um concurso bombasticamente denominado Concurso Proso-Poético do Capilotônico. Informe-se que Capilotônico era um tônico capilar que prometia milagres tais como a ressurreição da cabeleira, o extermínio radical da calvície e da caspa, fórmula conceituada do Dr. João Amadeu Furtado.¹

Estávamos em 1924, em março, data em que a Bahia iniciava, no dizer do nosso poeta, *"uma era de moralidade administrativa, de prosperidade e justiça, voltando a ocupar o seu posto como uma das unidades privilegiadas da União Brasileira"*.

O nosso antiseabrista, aproveitando todos esses dados, mais a careca e o apoio de Seabra à Reação Republicana contra o calvo Bernardes, rabiscou o seu soneto Teimosia Fatal, assinando-se Cal Mon, sugerindo nesse pseudônimo o nome do então novo governador baiano Góis Calmon.

Mas vamos ao soneto-propaganda pouco divulgado de Antônio Sales e com o qual abischoitou os cento e cinqüenta mil réis pela classificação vitoriosa:

*"Pesar de tudo são e tudo salvo, ,
ainda comove o casus da Bahia,
em que Seabra, num gesto de papalvo,
a Bernardes, de longe, desafia. . .*

*É a história de um careca contra um calvo,
que, tomado de vã neurastenia,
quis bernarda fazer, sem ter um alvo . . .
Sem soldados, aviões e artilharia. . .*

*E tudo isso findou num aguaceiro
de fanfarrão loucaz, de brasileiro
que quer bancar o Valentão Teutônico. . .*

*Mas. . . Seabra só perdeu. . . porque é teimoso,
porque o crânio mantém limpo e lustroso,
porque jamais usou. . . Capilotônico! . . ."*

NÓTULAS

¹ Amadeu Furtado. Diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia em 1928. Diretor do Gabinete Médico Legal de Fortaleza. Professor de Terapêutica Médica e de Química Toxicológica e Bromatológica. Antes do Capilotônico, o Capilol, anunciado no Jornal Pequeno de setembro de 1918: "O Dr. Amadeu Furtado, atacado durante dois anos de uma pelada rebelde e generalizada, descobriu, depois de muitas experiências, um preparado espantoso nas curas das calvícies precoces, queda de cabelos, tricofícias, caspas, etc. Trinta e duas pessoas completamente curadas. Com Capilol. Depósito: Farmácia Amazonas, rua Major Facundo, 222. Preço: 3\$500."

Os médicos atestavam pelos jornais os efeitos miraculosos do Capilotônico. O conhecido Dr. José Paracampos, por essa época no Rio de Janeiro, declarava: "Atesto que tenho feito uso em minha clínica civil do Capilotônico do senhor Dr. Amadeu Furtado, colhendo surpreendentes resultados em todas as doenças do couro cabeludo". Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1923. E mais, o descobridor do Capilotônico, ex-Capilol, o soberano revigorador dos cabelos, oferecia um conto de réis a quem provasse a ineficácia do referido produto.